

O LIVRO DIDÁTICO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

THE TEXTBOOK AND PEDAGOGICAL PRACTICE

Glória Garcia de Oliveira Nascimento¹
Maria Helena da Silva Carneiro²

¹S.E./DF/Centro de Ensino Médio Ave Barca, zegbebe@bol.com.br

²UnB/FE,mhsilcar@unb.br

Resumo

Esta pesquisa é parte de um projeto cujo objetivo central é identificar as funções atribuídas ao livro didático de Biologia por estudantes e professores e diferentes formas e contextos de uso. Neste trabalho, serão apresentados somente resultados referentes, aos professores, usuários deste recurso na sua prática pedagógica. A coleta de dados foi baseada em entrevistas realizadas junto aos professores. A análise das entrevistas mostrou que, para os professores, o livro didático é um importante recurso, porém, não é o único meio utilizado no processo de organização, desenvolvimento e avaliação do trabalho pedagógico. Evidenciou-se que os professores, ao planejar suas aulas, utilizam outros materiais além do livro. O uso desses materiais, a despeito de não serem considerados como fontes científicas, é bastante significativo pois apresenta uma linguagem familiar ao estudante.

Palavras-chave: uso, livro didático, professores, Biologia.

Abstract

This research is part of a wider project the central objective of which is to identify the functions attributed to the Textbook of Biology by students and teachers, and the different forms and contexts of use. Taking into consideration the length of this work, only the results referring to teachers, users of this teaching resource are presented. The data collection is based on interviews carried out with a group of five teachers. The analysis of these interviews showed that for these teachers the textbook is an important resource, although it is not the only means utilized in their process of organization, development and evaluation of the pedagogical work. It is also evident that the teachers use other material in addition to the book when they plan their classes. The use these resources is very significant as their information presented in an accessible language is quite close to the student's daily context.

Keywords: use, textbook, teachers, biology

Introdução

No âmbito do ensino de Biologia, verifica-se que, a exemplo do que ocorre em outras disciplinas, o livro didático é um dos recursos de ensino que influencia -a organização, desenvolvimento e avaliação do trabalho pedagógico – OTP. Entretanto, na prática docente observa-se uma incoerência: por um lado, os professores usam o livro ostensivamente em situações como o preparo das aulas, seleção dos conteúdos, definição da seqüência lógica dos conteúdos, seleção de questões para as provas, fonte de atividades; por outro lado, há indicadores que esses mesmos professores não incentivam os estudantes a usarem o livro didático tanto no contexto da sala de aula como fora dela.

Há, hoje, à disposição do professor, como também do estudante de Biologia, uma grande variedade de materiais didáticos, que se constituem em vias de circulação de informação e podem contribuir para a melhoria do trabalho pedagógico. O livro didático, geralmente, é apenas um dentre os materiais de ensino e “devido à sua condição de recurso, sua influência restringe-se à forma como é utilizado” (Cicillini, 1991, p. 25).

Considerando o papel pedagógico do livro didático no ensino de Biologia e julgando que a aprendizagem de conhecimentos biológicos na escola está relacionada às interações aluno-professor-conhecimento é que se propôs identificar as funções atribuídas ao livro didático por professores e verificar como eles promovem a sua utilização, no contexto da OTP da Biologia em Escolas Públicas do Distrito Federal.

O que chamamos de livro didático e qual o seu papel pedagógico?

Ao analisar a literatura específica da área, observa-se que não existe consenso quanto à caracterização e definição do que seja um livro didático. Ao que parece, trata-se de uma questão polêmica, pois “a própria definição do que seja livro didático torna-se objeto de debates” (Oliveira et al., 1984, p. 11). Nesse sentido, faz-se necessário explicar o que estamos chamando de livro didático. Começaremos com uma definição bastante antiga, a de Comênio. No seu livro *Didática Magna*, o autor apresenta uma primeira caracterização do livro a ser usado na escola, e usa, talvez, pela primeira vez a expressão “livro didático”: “Os livros didáticos serão, portanto, de dois gêneros: verdadeiros livros de texto para os alunos e livros-roteiros (informatórii) para os professores, para que aprendam a servir-se daqueles” (Comênio, 1627, p. 460). Como se pode observar, o autor não utiliza o termo “compêndio” e, já naquela época destaca a necessidade de um livro para o professor. No Brasil, o Decreto-Lei nº 1006, de 30/12/1938, Art. 20 & §10 apresenta uma definição: “Compêndios são livros que exponham total ou parcialmente a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares; §20 Livros de leitura de classe são os livros usados para leitura dos alunos em aula; tais livros também são chamados de livros de texto, livro-texto, compêndio escolar, livro escolar, livro de classe, manual, livro didático” (Delizoicov, 1995, p. 18; Freitag et al 1997, p. 13). Richaudeau (1979, p.51) apresenta uma definição mais moderna deste recurso; “o livro didático é um material impresso, estruturado, destinado a ser utilizado em um determinado processo de aprendizagem ou formação”. Como o autor mesmo ressalta, esta definição pode ser aplicada tanto para um Atlas como para um Dicionário, portanto, nessa perspectiva, todo material impresso pode desempenhar o papel de livro didático.

Gérard e Roegiers (1998, p. 19), definem o livro didático como “um instrumento impresso, intencionalmente estruturado para se inscrever num processo de aprendizagem, com o fim de lhe melhorar a eficácia”. Embora este último conceito seja mais completo, ainda admite a inclusão de outros materiais impressos.

O LD será considerado, neste trabalho, como um recurso didático impresso que veicula os conhecimentos científicos gerais e didatizados de uma determinada disciplina. É

intencionalmente estruturado para se inserir no processo de ensino e aprendizagem como suporte da educação formal, voltado para a instrução individual ou em grupo com vistas à formação do estudante em quaisquer etapas de sua vida escolar, independente de faixa etária. O conceito acima ainda engloba as apostilas; mas ao considerarmos os usuários, em termos de amplitude, o livro didático atinge um número maior, sendo o público usuário da apostila mais restrito.

Papel pedagógico do livro didático

A utilização do livro didático por professores e por alunos, certamente, depende de muitos fatores. Dentre eles, é fundamental reconhecer as funções pedagógicas que o livro didático pode desempenhar. (Gérard e Roegiers, 1998, p. 74): relativamente ao aluno, os autores destacam que há funções voltadas para as aprendizagens escolares, tais como: transmitir conhecimento, desenvolver capacidades e competências, consolidar aquisições, avaliar aquisições (não se trata da avaliação certificativa). Há também as funções de interface com a vida cotidiana, como facilitar a integração das aquisições, servir de referência e propiciar a educação social e cultural. No caso dos livros didáticos de Biologia disponíveis para uso em nossa realidade, sabemos que, dificilmente, eles preenchem todas as funções necessárias ao trabalho pedagógico. Como superar essas limitações? Quais são as funções priorizadas pelos autores? Em relação aos professores, os autores ressaltam, essencialmente, as funções de: atualizar a formação (por exemplo, quanto à informação científica em geral) e a formação pedagógica ligada à disciplina, apoiar as aprendizagens e gestão das aulas, facilitar a avaliação das aquisições. Como os livros brasileiros poderiam preencher as funções acima, se, na maioria dos casos, a diferença entre o livro do professor e do aluno consiste apenas em listar as respostas dos exercícios?

A esse respeito fazem-se pertinentes as observações de Frota-Pessoa (1986, p. 2), quando afirma que “o grande desafio do ensino é equilibrar suas duas funções essenciais: tornar o modo de pensar do aluno mais eficiente e transmitir-lhe informações”. Assim, o trabalho pedagógico em sala de aula, com a utilização do livro didático, pode ser centrado no aspecto informativo ou, ainda, estabelecer o equilíbrio deste com o aspecto formativo. De acordo com esse autor, o estabelecimento do equilíbrio entre os dois aspectos vai depender das ações do professor, pois ele pode ouvir os alunos e dialogar com eles. Nos livros tradicionais há um predomínio dos aspectos informativos, porém, há “um tipo de livro que, além de informar, orienta os alunos para pensarem com mais acerto e exercerem atividades que, valorizadas pelo professor, tornam o ensino realmente formativo” (Frota-Pessoa, 1986).

Acredita-se que, ao lançar mão de estratégias de uso do livro didático que permitam aos alunos levantarem problemas e os discutirem de maneira crítica, o professor de Biologia valoriza o seu trabalho e também o do seu aluno, ao orientá-lo num exercício que implica pensar, argumentar, criticar e confrontar idéias. Nessa perspectiva, a aprendizagem está estreitamente relacionada ao desenvolvimento de competências que permitam ao aluno compreender o mundo e nele agir com autonomia. O bom uso do livro didático requer não só o reconhecimento das funções dele esperadas, mas também é necessário estar ciente das suas limitações, das suas particularidades, assim como das reiteradas críticas que lhes são feitas. A esse respeito, Lima (1996, p. 22) argumenta que é comum encontrarmos junto aos alunos, livros que “apresentam várias páginas ainda soldadas, porque nunca foram abertas”, ou seja, pode-se inferir que esses recursos não estejam sendo utilizados. O autor explica esse fato à luz da indicação do livro feita sem um planejamento cuidadoso da sua utilização: “se isso acontece, é porque o livro didático foi mal indicado ou está sendo mal trabalhado”, e responsabiliza, principalmente, o professor. Não estamos, mediante as considerações acima, com intenções de culpabilizar os docentes pela subutilização do livro didático, mesmo porque

acreditamos serem várias as razões que podem explicar a dicotomia entre a valorização do livro e o seu uso nos diferentes contextos.

Fatores como condições precárias de trabalho dos professores de escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio, “formação deficiente dos professores egressos de cursos de curta duração permitidos pela Resolução CFE de número 30/74, a franca ascensão das escolas particulares que enfatizavam os conteúdos e as práticas convencionais no ensino, tendo em vista os exames vestibulares” (Fracalanza, 1993, p. 130) contribuíram para que o livro-texto passasse a ser uma peça de importância central, impondo-se o modelo de estudo dirigido, exercícios de múltipla escolha que dependiam apenas da leitura. Com rara frequência, ocorriam questões dissertativas, mas estas requeriam tão somente transcrições literais do texto.

Ao tratar da qualidade do LD, Lajolo (1996, p. 6) ressalta que o trabalho “*em classe com um livro inadequado exige excepcional firmeza*” e “não há livro à prova de professor”. Segundo a autora, o uso de qualquer livro didático pelo professor deve ser precedido de atividades que permitam seu total conhecimento e que estas sejam realizadas, de preferência, coletivamente (professor e seus pares; e professores e alunos)

Ainda com relação à qualidade do LD de Biologia, este é considerado “fundamental”, tanto para os alunos quanto para os professores e precisa ter a capacidade de cumprir, além da função didático-pedagógica, também a função de consultor e orientador no trabalho científico de informar sobre o conhecimento biológico aos envolvidos no processo educacional. Há de se convir que esta é uma tarefa muito árdua e muito difícil de ser cumprida por uma única entidade; o Livro Didático de Biologia. No entanto, se não for desta forma, o Livro Didático de Biologia não estará atingindo seus objetivos e também não estará auxiliando em nada o processo educacional e muito menos estará desenvolvendo o conhecimento biológico”. (Lima, 1996, p. 50).

Procedimentos metodológicos

O grupo que participou da pesquisa constituiu-se de cinco docentes de duas, dentre as 10 Escolas Públicas que oferecem Ensino Médio localizadas na III região administrativa do Distrito Federal. A coleta de dados foi realizada por via de entrevistas do tipo semi-estruturadas registradas em fita cassete e, em seguida, transcritas

Análise e discussão dos dados

A análise foi desenvolvida mediante a organização dos dados em quadro comparativo que permitiu a definição de algumas categorias e produção de resultados relativos à formação acadêmica das professoras, aos critérios utilizados na adoção do livro, ao seu papel pedagógico e, finalmente, ao uso do livro didático.

Perfil dos participantes – São todos do sexo feminino. Todas as professoras entrevistadas possuem o curso universitário completo. Duas delas cursaram Licenciatura Curta em Ciências e depois a Plena em Ciências Biológicas. Observa-se, ainda, que, quatro das professoras iniciou a carreira docente atuando nas séries iniciais do Ensino Fundamental. No ensino de Biologia, três delas já possuem uma experiência de dez anos e as demais possuem apenas quatro anos.

Seleção e adoção do livro didático – No que se refere à prática do professor em adotar um livro específico, nota-se que todas indicam um livro, mas não exigem que os alunos o compre, pois “às vezes, tudo é colocado em função do que o aluno pode comprar” (prof^a A). Talvez isso se justifique devido ao custo elevado do livro para a maioria dos estudantes. Para

amenizar este problema, as professoras optam por indicar um modelo de livro denominado Volume Único que contém, teoricamente, todo o conteúdo estudado no Ensino Médio.

A princípio, mesmo tratando-se da escolha de um volume único as professoras são criteriosas na sua escolha, pois consideram, além do preço, outros critérios tais como a atualização do conhecimento científico, ilustrações, exercícios, conteúdo, a presença de textos suplementares e o estilo da linguagem. “Geralmente uma linguagem acessível a eles e outra: não é só uma linguagem acessível, mas que tenha uma informação, que tenha um maior número de informações possíveis dentro da matéria ... Tem que ter um conteúdo bom, acessível, de melhor compreensão pro aluno” (prof^a E).

A esse respeito Santomé 1998, p.175 destaca que “a linguagem, terminologia, expressões, o estilo literário dos livros-texto freqüentemente são acusados de complexidade e de serem de difícil compreensão. As apresentações de informações são carregadas, complicadas e tediosas”. Ainda com relação linguagem do LD as professoras, assim como Lima (1996), estabelecem uma relação entre a formação do autor e a tendência de apresentação das linhas de conhecimentos presentes nos livros. Quando o autor do livro não é especialista, ele é mais genérico e a tendência é que ele aumente o leque de informações e as apresente de forma que o aluno-leitor tenha facilidade de compreensão (p.53). Caso contrário, ele vai priorizar algumas questões em detrimento de outras que fogem do seu domínio.

Papel pedagógico do livro didático – Quanto ao papel pedagógico do livro didático as professoras destacam que este recurso de ensino é um subsídio importante tanto para o aluno como para o próprio professor. No que se refere ao aluno, elas destacam que o livro é um referencial, uma fonte de pesquisa; que permite aprofundamento do conteúdo, enriquecimento cultural, tem função de aprendizagem, e é fonte de exercícios. No que se refere ao professor, o livro apresenta uma seqüência lógica e dosagem dos conteúdos a ser seguida e seus textos são básicos para o desenvolvimento das atividades em aula: “É um referencial. Eu acho que é bem assim: você dosa o que você vai colocar ali. Eu acho que também é referencial, né? (professor). Eu acho que a fonte de pesquisa não tem que ser o livro texto, né? Ele tem que estar lendo aquilo ali para poder dar aula, porque senão fica difícil. O livro é o referencial, nele, ele vê o mínimo que ele vai colocar, mas eu acho que ele tem que estar lendo” (prof^a A). O livro didático de Biologia, segundo as professoras entrevistadas é o recurso que participa do processo de formação continuada do docente. O uso do livro do professor, nessa perspectiva, é preocupante a julgar pela necessidade de o seu conhecimento ser superior ao do aluno. Portanto, é importante que em termos de formação continuada, ele busque outros tipos de recursos que possam lhe oferecer melhores subsídios para suas aulas. “Pra o professor é um recurso didático que auxilia nas aulas. Tem muitas coisas também, que a gente esclarece, aprende no livro. Muita coisa! Às vezes aprende mais que nessas faculdades. Algumas coisas a gente, às vezes, deixa passar em branco ou não aprofunda, né? E o livro facilita também. Acho que ajuda. O professor já tem um conhecimento básico, né? Mas ajuda também. (Prof^a D). Já que o livro didático para o professor desempenha a função de atualização dos conhecimentos, ele não deveria ser diferente do livro do aluno e apresentar conteúdos mais aprofundados?

Os professores destacam ainda que o livro didático facilita a OTP não só quando o auxilia nas diversas atividades de sala de aula, mas também, no âmbito do aluno quando lhe permite acessar o conhecimento científico diferentemente do modo apresentado pelo professor: “Para o professor, facilitar justamente a transmissão do conhecimento porque você explica a matéria, e o aluno em casa pode rever aquele conteúdo que foi falado, ele pode se aprofundar mais, tirar dúvidas com o professor. Então no caso, para o professor, vai facilitar até mesmo pra ele transmitir esse conhecimento” (Prof^a C). Com o livro didático a realização do trabalho pedagógico tem suas possíveis dificuldades amenizadas. O livro didático de Biologia deve fundamentalmente reproduzir embasamento

teórico para os seus principais usuários – os estudantes. Geralmente, o papel do livro é superestimado em relação a outros materiais escritos.

Formas de utilização do livro didático

Das cinco professoras entrevistadas, apenas a professora “E” afirmou que não usa o LD durante as aulas. Ao descreverem as atividades que envolvem este recurso de ensino, os demais professores destacaram que o utiliza em três contextos: o primeiro, para subsidiar o desenvolvimento das atividades de sala de aula, o segundo para dar suporte às atividades extraclasse do aluno e, finalmente, para orientar os professores durante as sessões de planejamento das aulas.

1) Como suporte para as atividades de sala de aula

Nesse contexto, o livro didático é utilizado em diferentes situações:

a) leitura orientada na sala de aula.

Nesse tipo de atividade o professor apresenta o tema e depois propõe a leitura do capítulo relativo ao assunto:

“Como são poucos os alunos que têm, (o livro) quando eu vejo que o assunto é mais difícil, eu peço um resumo das partes principais, dou umas perguntas pra eles. Estudo dirigido, perguntas direcionadas, e, depois, eu pego a resolução de alguns exercícios do livro. Só que o livro que a gente adotou tem uma desvantagem, ele vem com as respostas no final do livro do aluno. Aí eles copiam, copiam. Então o que que eu comecei a fazer com eles? Passava umas questões do estudo dirigido, eles respondiam, depois eu orientava que eles fizessem do livro, sem olhar atrás e comparasse... estudava realmente e depois eu só dava pontos, no caso das que eu passava no quadro. É por isso que eles ficavam assim, ah! Vai olhar! Vai olhar! O que eu passei no quadro eu olho. O do livro eu não olhava porque eu sabia que eles só faziam copiar as respostas. Ninguém tinha erro, né? Quando alguém lia a questão, a resposta era lida em coro a letra certa, né? eu já percebia logo que era tudo cópia!” (prof^a C). Observa-se na fala desta professora uma preocupação em verificar a leitura dos alunos por meio da solicitação de resumos ou realização de estudo dirigido. Nessa atividade, nota-se que a docente propõe questões diferentes daquelas apresentadas no livro-texto. É perceptível o cuidado de se evitar que os alunos transcrevam as respostas constantes no final do capítulo. Essa posição da professora denota a sua preocupação com a aprendizagem dos alunos e deixa transparecer coerência em relação às suas colocações a respeito dos critérios listados na seleção do livro didático. Na oportunidade, ela enfatiza os exercícios do livro. “A questão da linguagem, a questão da ilustração, exercícios; e as próprias questões dos exercícios, se são questões bem elaboradas, se têm a ver com o dia-dia. Sobretudo, tem que se observar esses detalhes”(prof^aC).

Uma variação dessa atividade é a leitura silenciosa do texto. Após introdução do assunto, a professora propõe uma leitura silenciosa. Os estudantes lêem em dupla, elaboram conclusões que, posteriormente, são discutidas. “Aí, depende da aula. Geralmente, eu introduzo o assunto só falando. Explico. Aí, depois, ou eles lêem em dupla ou ... depende do tipo de aula que tiver trabalhando, né? Ou leio com eles, ou eles lêem em dupla. Dependendo do texto, eles lêem. Fazem uma conclusão deles. Eu faço até comentários. Fazem um comentário sobre o texto, depois a gente discute no grupão; ou se não houver esse tempo do grupão, a gente faz um breve comentário sobre o que tá no texto e, por último, eu explico. Normalmente, todas essas atividades são feitas numa aula.” (prof^a D). Quando a professora descreve as atividades desenvolvidas em sala de aula que envolvem o livro didático, observa-se que lança mão de outras estratégias: leitura em dupla de alunos ou leitura feita pela professora acompanhada pelos estudantes. Nesse último caso, a professora realiza a

leitura e os estudantes a acompanham. Em alguns momentos, a leitura é interrompida e se procede à explicação do texto. Sabe-se que a leitura em sala de aula é importante e pode contribuir no sentido de auxiliar os alunos no processo de interpretação do texto. Entretanto, essa atividade, no grupo pesquisado, muitas vezes, é prejudicada porque a maioria dos estudantes não leva livro para a sala de aula. A professora “A” chama a atenção para a importância desse trabalho destacando, inclusive, a interpretação das imagens durante a leitura do capítulo. “Olha, o trabalho de leitura eu entendo que é a interpretação de tudo, né? Eu gosto muito de chamar atenção para a figura, porque eu acho que quando a figura é explicativa mesmo, eu acho que ele entende muito mais do que às vezes o próprio texto. Porque eles têm uma educação visual muito forte, esses adolescentes de hoje, por causa da televisão. Então ele olha a figura e ele, ah! Então tá aqui. Algumas vezes, no começo eu tentei fazer a leitura, isso aqui; mas como eram poucos livros o que acontece? Quem tem livros e quem está perto de quem tem acompanha, e o restante dispersa (prof^aA).

b) Resolução de exercícios

Nesse tipo de atividade, o livro didático é usado para auxiliar os alunos na resolução de exercícios após a explicação do professor. Nesse caso, a leitura do texto não é incentivada. “Em sala de aula, eu dificilmente utilizo assim como leitura para o aluno ler tá, né? Dificilmente eu mando um aluno ler o livro ou eu mesma leio uma parte da matéria. É aquele negócio, 10 anos na faculdade, né? Na faculdade você comenta quais são os tópicos principais pro aluno chegar em casa, usar o livro e nisso eu ganho tempo, né? E dar o conteúdo todo da Fundação, né? Três anos na Fundação e eu sempre dei o conteúdo todo; mas nesse sentido. Se eu for adotar o livro pro aluno ler cada parte, ah! Vamos lê aqui; vamos fazer exercício; quando chega no final do ano não dei o conteúdo todo. Esse é o meu pensamento tá?” (prof^aE).

Além de articularem o uso do LD adotado a outros livros didáticos, as professoras entrevistadas ressaltaram o uso de recursos visuais como vídeos, transparências e mapas; materiais escritos como jornais e revistas; e objetos como modelos de corpo humano e plantas. O uso de vários materiais demonstra que o grupo de docentes pesquisadas redimensiona o papel do LD. Esse recurso por si só não satisfaz as necessidades do professor na execução de seu trabalho. Ao lançar mão de outros recursos, como fazem as professoras, elas podem apresentar aos alunos um leque maior de informações e riqueza de dados de forma bastante rica e atraente para os alunos.

2) Suporte nas atividades extra classe do estudante

Nesse caso, as professoras “A” e “C” ressaltam que apresentam previamente para os alunos algumas questões que direcionam sua leitura em casa. Na aula seguinte, os conteúdos dos mesmos servem de base para as discussões dos temas. As docentes ao adotarem essa prática, partem do pressuposto de que as questões facilitam a aprendizagem dos alunos e estimulam o levantamento das dúvidas. “... se ele (o aluno) faz aquela leitura pura geralmente não fica nada, né? Aí, se você faz um questionamento com relação a aquilo ali, aí sim; porque ele tem pergunta e tudo o mais. Geralmente eu uso assim. Agora eu não gosto de ficar fazendo essa leitura, algumas vezes eu fiz aquela leitura e ia discutindo o que está lendo, sabe? Mas eu acho que basicamente ele deveria fazer a leitura antes. Ele vir com as dúvidas e dizer: Ah! Eu vi isso aqui. Aí a gente começar a discutir o assunto e ele vai ter dúvidas porque se ele nem vir o assunto, ele não vai ter dúvida nenhuma, então eu digo: por mais que você dê aula, tá faltando um espaço, né?” (prof^aA). Não ficou claro o tipo de questões que são colocadas

pelas professoras aos seus alunos; mas sabe-se que as proposições de questões motivadoras podem ser proveitosas, à medida que seja evidenciada sua importância e “que a sua solução é deixada para surgir na aula seguinte, depois do estudo feito em casa” (Frota-Pessoa, 1986, p.6).

3) Como suporte para o professor – planejamento

As professoras entrevistadas reafirmam a importância dos LDs de Biologia no seu trabalho pedagógico. Foi evidenciado que este recurso de ensino é intensivamente utilizado pelo professor na preparação das suas aulas. Nesse contexto, vale ressaltar o uso de vários livros, de diferentes autores; não só para elaborar listagem de exercícios como também textos complementares: “Fora da sala de aula, eu uso pra elaboração de prova, preparar um texto diferente, alguma coisa assim. Para preparar aula; e eu acho que só! (prof^a D). Orientações para um colega iniciante: Ainda com relação ao uso do livro didático em sala de aula; solicitou-se às professoras entrevistadas algumas orientações que estas poderiam passar a um colega iniciante na carreira de magistério. Porém, as docentes não só apresentaram sugestões de uso do LD em sala de aula como também fizeram sugestões relativas aos critérios de seleção dos livros, recomendações quanto à necessidade de diversificar os recursos de ensino utilizados, não só no planejamento, como também no desenvolvimento das atividades de sala de aula.

a) Formas de utilização:

Na realidade, as professoras propõem as mesmas atividades que supostamente estariam desenvolvendo durante as aulas; ou seja, leitura de texto em sala de aula seguida de discussões, leitura extraclasse e consulta ao livro para resolução de exercícios.

Além dessas sugestões, a professora “E”, por exemplo, destaca que o colega deveria inicialmente usar o livro e, aos poucos, ir se desprendendo do mesmo “... quando eu comecei, eu ficava muito presa ao livro didático, tá? Mas eu faria a mesma coisa. Daria a mesma orientação e depois, aos poucos, ia desprendendo do Livro Didático. Eu acho importante esse desprendimento do Livro Didático. Você não fica presa a um Livro só. Por exemplo, o Livro da Moderna, tá? Ele fica preso a determinadas questões. Ele explana alguma coisa. Já o da editora Ática, ele fica preso a outras coisas. Muda o autor, muda completamente a linha. O assunto é o mesmo, como ele vai explicar o assunto, é de maneira diferente” (prof^a E) Ao analisar a entrevista dessa professora, observa-se que há uma coerência entre a sua prática e as suas considerações. Atualmente, após 20 anos de profissão, ela não utiliza o livro didático como o fazia no início da carreira. No grupo de professoras pesquisado, essa se destacou por afirmar que não utiliza o LD durante as suas aulas. Ou seja, o livro didático, segundo essa professora foi mais importante no passado e, hoje, ela prioriza o uso de outros recursos de ensino.

As professoras sugerem ainda aos colegas iniciantes que não priorizem o preço do livro no momento da seleção, pois este critério não deve servir de base por ocasião de sua escolha como, normalmente, se faz; deve-se priorizar, sim a sua qualidade; ressalta a professora “D”. Outro aspecto destacado pelas entrevistadas é a necessidade de utilização de outros materiais: “Eu utilizo muito o jornal, né? Jornal eu uso muito o Correio Braziliense. Revistas, às vezes eu vejo uma Veja. Hum... tem uma revista ótima...agora eu vi me lembro o nome. Eu compro aqui na banca de jornal. Às vezes eu utilizo até aquela...aquela linguagem mesmo. Aquela revista, Globo Rural” (prof^a E). A utilização de vários materiais possibilita ao aluno uma melhor interação com o conhecimento dando margens a diferentes interpretações acerca de um mesmo objeto em estudo. Os textos de jornais e revistas apresentam as informações numa linguagem mais acessível, uma vez que neles, o leitor pode identificar informações que fazem parte dos diversos contextos do seu cotidiano (Kleiman et al, p.118). Além do uso de vários materiais, as professoras entrevistadas deixam claro que o uso do livro

deve ser intensificado. Alia-se a esse desejo, aspectos que denotam a possibilidade de o aluno ler informações advindas de fontes variadas.

“É ter o livro, usar, assim, fazer o máximo pra maioria ter e tentar usar, no sentido do aluno ler, mas também diversificar um pouco o material, não ficar só no livro-texto” (prof^a A). É fundamental o papel do professor como mediador na sala de aula. A fala da professora denota preocupação com a questão do uso do livro didático, ela acredita no potencial desse recurso de ensino, entretanto, delimita bem o seu papel quando ressalta que não se deve usar somente este tipo de material. Mediante os resultados obtidos, verificamos que quanto à prática das professoras em adotar um livro específico, nota-se que todas indicam um livro, mas não exigem que os alunos o comprem. Consideram, além do preço, critérios tais como ilustrações, exercícios, conteúdo, a presença de textos suplementares, estilo da linguagem, a seqüência lógica em que os conteúdos são apresentados nos livros didáticos, a clareza, a formação do autor e, principalmente, se o conhecimento biológico apresentado é coerente com o consenso científico vigente. É importante ressaltar a preocupação das professoras com as ilustrações, embora a ênfase seja dada aos conteúdos que as mesmas transmitem: “ (...) eu gosto muito de chamar atenção para a figura porque eu acho que quando a figura é explicativa, mesmo, eu acho que ele (o aluno) entende muito mais do que, às vezes, o próprio texto” (prof^a C)

Para incentivarem os estudantes a adquirirem o livro didático utilizam argumentos correlatos ao papel do livro como fonte de consulta e propõem atividades do livro aos alunos.

Com relação ao papel pedagógico do livro didático, as professoras destacam que esse recurso de ensino é um subsídio importante tanto para o aluno como para o próprio professor, pois permite aprofundamento do conteúdo, enriquecimento cultural, e fonte de exercícios. Fica evidenciado, no discurso do professor, o valor que atribuem aos conteúdos apresentados no LD, pois este aspecto se fez presente em vários momentos da entrevista.

No que se refere ao professor, o livro apresenta uma seqüência lógica e dosagem dos conteúdos a ser seguida e seus textos são básicos para o desenvolvimento das atividades em aula. Para os professores entrevistados o LD facilita a OTP uma vez que orientam a seleção, dosagem dos conteúdos e seqüência lógica a ser adotada.

O LD é utilizado para subsidiar o desenvolvimento das atividades de sala de aula, para dar suporte às atividades extraclasse do aluno. Há ainda a articulação do uso do LD adotado, a outros livros didáticos, recursos visuais como vídeos, transparências e mapas; materiais escritos como jornais e revistas; e objetos como modelos de corpo humano e plantas. O uso de outros recursos didáticos no ensino de Biologia pode ser um indicador de que, para os professores entrevistados, o LD está perdendo a sua supremacia.

Apenas uma das professoras afirmou não usar este recurso de ensino na sala de aula. Todos os outros destacam a importância deste material durante as atividades e têm como prática fazer leitura orientada ou estudo dirigido após a explicação “ Como são poucos os alunos que têm, (o livro) quando eu vejo que o assunto é mais difícil eu peço um resumo das partes principais, dou umas perguntas pra eles, perguntas direcionadas, e depois eu peço a resolução de alguns exercícios”(...).

Considerações Finais

Percebeu-se, neste estudo, que as docentes reconhecem o papel do LD de Biologia como bastante significativo no processo de ensino-aprendizagem e ressaltam, primordialmente, as funções relativas à aprendizagem conforme Gérard e Roegiers. Além disso, esta pesquisa corrobora os resultados obtidos por Frota-Pessoa (1986), pois as professoras destacam os aspectos informativos do livro didático. Para elas, o livro transmite conhecimentos, desenvolve capacidades e auxilia desenvolver competências. O LD é um

grande aliado na gestão do tempo atribuído para cada aula; isto é, quando uma classe inteira não tem esse material, faz-se necessário escrever no quadro um resumo do tema em estudo. Tal prática exige do professor mais tempo na preparação desse material ou mesmo de outros, além de tomar grande parte da aula.

As professoras descrevem diferentes formas e contextos de uso em sala de aula. Cada professora faz uso do livro à sua maneira, conforme as circunstâncias e necessidades. Elas explicam que fatores centrais como pouco tempo e falta de livros suficientes para cada aluno dificultam uma utilização mais sistematizada. Por outro lado, elas buscam caminhos alternativos para solucionar esses problemas, os quais, dependendo da realidade, se tornam grandes como a dificuldade de produção e reprodução de textos didáticos ou elaboração e cópia de apostilas para serem distribuídos para o grupo de alunos.

Ficou evidenciado que durante o planejamento, os professores consultam outros livros, além de periódicos de divulgação científica.

Com relação aos fatores que envolvem a escolha e adoção do livro, as informações obtidas sugerem que as docentes baseiam-se em dados correlatos ao papel do livro, discutidos anteriormente. Consideram o poder aquisitivo dos alunos. Não é rara a opção por um livro que não atenda a todos os quesitos requeridos pelo professor, porque ele não existe.

Referências bibliográficas

- FERRASA, J. L. *Leitura e consciência: princípios para uma leitura escolar pedagógica*. São Paulo: USP, 1986. Dissertação (Mestrado).
- FRACALANZA, H. O que sabemos sobre os livros didáticos para o ensino de ciências no Brasil. Campinas: Unicamp/FE, 1993. Tese (Doutorado).
- FREITAG, B. et al. *O livro didático em questão*. 3ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- _____. *O Estado da Arte do Livro Didático no Brasil*. Brasília: Reduc, 1987.
- FROTA-PESSOA, O. *O livro e o professor*. Texto apresentado no 2º Encontro: Perspectivas do Ensino de Biologia. São Paulo: FE, USP, 1986. p.1-8 (Folheto separado).
- GÉRARD, F-M; ROEGIERS, X. *Como conceber e avaliar manuais escolares*. Portugal: Porto Codex: Porto, 1998.
- LAJOLO, M. *Livro didático: um (quase) manual de usuário*. Em *Aberto*, Brasília, v. 16, n.69, jan./mar. 1996.
- KLEIMAN, A. B. e MORAES, S. E. *Leitura e Interdisciplinaridade: Tecendo Redes nos Projetos da Escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.
- LIMA, L. E. C. *A Qualidade do Livro Didático no Brasil: Considerações Gerais e o Caso da Biologia*. São Paulo: Centro Cultural Tereza Dávila, 1996.
- LOPES, A. R. C. *Livros Didáticos: Obstáculos ao Aprendizado da Ciência Química*. Rio de Janeiro, 1990. Monografia (Mestrado).
- OLIVEIRA, J. B. et al. *A política do livro didático*. Campinas: Summus Editorial, 1984
- SANTOMÉ, J. T. *Livro-Texto e controle do currículo In globalização e interdisciplinaridade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. capítulo V, p. 153-185.